

1- Entendemos por “modo selvagem” uma forma de ensinar e investigar que põe em causa os modos legítimos e institucionalizados de entender e pensar estes assuntos no contexto da vida universitária e académica em Portugal. Mais especificamente trata-se de ensinar e investigar com interlocutores que são profissionais, mas que não são sociólogos nem alunos de ciências sociais. Trata-se de pensar o ensino e a investigação da Sociologia a partir de um lugar que é periférico no campo científico e universitário e que por isso não tem como interlocutores os públicos legítimos da Sociologia, para os quais o conhecimento sociológico está justificado por si mesmo.

2- A primeira questão que importa colocar é a de saber, para quem fazemos e ensinamos Sociologia? Esta questão, para alguns sociólogos académicos é totalmente irrelevante. Para eles é obvio que se faz Sociologia para produzir conhecimento geral sobre a sociedade e ensina-se esse conhecimento, enquanto informação relevante sobre o mundo social, a qualquer cidadão que o deseje, incluindo os estudantes de sociologia e ciências sociais. A Sociologia é uma e indiferenciada, não carecendo de adaptações de uso ou manipulações diferenciadas. A procura é diversificada e por isso vai usar a Sociologia de diferentes modos, mas isso não deve implicar, segundo estes académicos, que a oferta científica se diversifique. A oferta apenas deve ser regulada pela organização do campo científico e respectivas problemáticas teóricas. Os usos da Sociologia que tomem em consideração os seus interlocutores, tornam-se tarefa da divulgação científica, de algum ensino portanto, mas não da Sociologia enquanto prática científica.

3- Inversamente, a resposta sobre o “para quem” fazemos Sociologia pode ter uma orientação totalmente diversa. Entende-se, nesta orientação, que a oferta de investigação e ensino deve ser absolutamente determinada por alguns interlocutores particulares, estabelecendo o sociólogo uma relação privilegiada com alguns grupos sociais e com os seus interesses políticos e ideológicos. Nesta orientação a Sociologia torna-se incapaz de dialogar e de ter como interlocutores, públicos que têm orientações ideológicas divergentes do conteúdo político desta Sociologia de intervenção social. Assim, o ensino e a investigação desta Sociologia permanece uniforme e indiferenciado, embora agora com um compromisso que é externo ao campo científico e que, em grande parte, se confunde com o papel de ser porta-voz, defensor ou promotor de determinados interesses utilizando a Sociologia para esse fim. A Sociologia academicista, que, como dissemos em 2, entende a pergunta sobre o quem irrelevante, será sempre suspeita de “tecnicismo”, de “empiricismo” e de esconder os interesses sociais que de facto serve.

4- Julgamos que a pergunta sobre o quem da Sociologia é muito relevante. A sua resposta deve supor um compromisso e uma implicação com os grupos sociais que se ensina e investiga, e por isso não pode ser tomada como óbvia e pré-determinada pelo campo científico. Deste modo, a pergunta deve ser formulada do seguinte modo: “com quem” fazemos Sociologia? E não “para quem”. O “para quem” tende a ser arrogante e a impor uma certa visão do mundo aos outros e, portanto, a não conseguir combater consequentemente a “crença moderna” no cientista. Pelo contrário, o “com quem” obriga o investigador a uma atitude de muito maior

humildade perante o conhecimento, pois ele tem que ser capaz de combater o seu etnocentrismo, a começar pelo de cidadão com uma certa visão do mundo, fruto da sua cultura de origem e trajectória social e dos seus compromissos de consciência cívica e ética. Deve ser um politeísta, capaz de dialogar com diferentes visões do mundo, capaz de “construir” pontes entre mundos e de ser crítico, potencialmente, de todas as visões do mundo, particularmente daquelas que emergem dos campos político e filosófico.

5- Do politeísmo de valores no ensino e na investigação da Sociologia decorrem consequências metodológicas, porque nem todas as metodologias de ensino e de investigação estão aptas a “fazer Sociologia com”. Mais especificamente, a minha opção tem ido no sentido de entender que só as metodologias etnográficas de investigação estão em condições responder a este desafio, porque são elas que estão em condições de relativizar o etnocentrismo do investigador e de produzir conhecimento (o texto etnográfico) que se organiza numa relação de reflexividade mútua com os actores sociais, e não de ruptura com o conhecimento comum dos grupos sociais em estudo ou em ensino.

6- O desenvolvimento de pedagogias activas de ensino tem permitido, com base na minha experiência, começar por delimitar os problemas de investigação no âmbito, primeiro, do ensino, com base nos relatos da experiência profissional do “outro” que aprende Sociologia. Deste modo, a relação entre ensino e investigação inverte-se, pois o ensino aparece como um “laboratório” da investigação a realizar e não como uma divulgação dos resultados obtidos. Tal aconteceu na minha experiência de formação com professores e mais recentemente com veterinários. Em ambos os casos, refiro-me a profissionais já com experiência da sua profissão e não a estudantes de licenciatura.

7- Entendo que a resposta ao “com quem se faz Sociologia” determina um modo de ensinar e investigar que foge ao que vulgarmente tem sido defendido em Portugal. Determina metodologias, como vimos mas também determina objectos de investigação: o que se constitui como problema teórico-científico pode não ter tradução na linguagem dos problemas profissionais dos grupos em estudo ou, o inverso, haver problemas profissionais que, ainda, não têm tradução na linguagem científica da Sociologia. Em muitos casos, podem ter tradução em Ciências Sociais afins, como a Antropologia ou a Psicologia Cultural e Cognitiva. Deste modo, é a delimitação disciplinar que se constitui como um obstáculo epistemológico à produção de conhecimento e aprendizagem. Em conclusão, para podermos ir mais longe no ensino e na investigação em Sociologia, há que dissolver as fronteiras disciplinares. Repare-se como, para alguns académicos, “estamos em plena selvajaria”...

8- Para um conhecimento mais aprofundado das bases teóricas e epistemológicas que fundamentam estas minhas palavras, ver trabalhos referenciados e disponíveis no meu site: <http://home.utad.pt/~tcaria/index.htm>.